

Este texto está sujeito à seguinte licença:

Licença Creative Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Portugal Commons

Para este efeito os autores são Ana Vitorino, Carlos Costa e Catarina Martins e Pedro Carreira e, quanto à tradução, Maria Helena Guimarães.

Descarregue, partilhe, utilize e transforme. Mas exclusivamente para fins não comerciais e creditando sempre as autorias originais. E volte a partilhar eventuais obras derivadas deste mesmo modo.

O VEREDICTO estreou a 19 de Julho de 1999, integrado no Projecto Liberdades, no Estabelecimento Prisional de Vila Real, com a seguinte ficha artística:

Texto: Franz Kafka

Tradução: Maria Helena Guimarães

Revisão da Tradução: Gonçalo Vilas-Boas

Concepção, adaptação, dramaturgia e direcção: Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Martins e Pedro Carreira

Cenografia: Pelicano e Pelicano

Figurinos: Miguel Barros

Banda Sonora Original: Albrecht Loops

Interpretação: Carlos Costa (filho) e Pedro Carreira (pai)

Construção do cenário: Luís Baptista

Execução dos figurinos: Maria Rosa

Fotografia: Susana Paiva

Design gráfico: Vitor Azevedo (DeC)

Coordenação de produção e produção executiva: Ada Pereira da Silva

Secretariado: Ágata Marques Fino

Produção: Visões Úteis

Dois espaços. O quarto do filho. O quarto do pai.

[No quarto do filho]

Filho: (lendo a carta que acabou de escrever) “Deixei para o fim a melhor novidade. Fiquei noivo de uma menina, de família abastada, que para cá se mudou muito depois da tua partida e que tu, com certeza, mal conhecerás. Haverá ainda ocasião para te contar mais pormenores sobre a minha noiva; por hoje, basta ficares a saber que estou feliz e que, na nossa relação, uma única coisa mudou até agora; na medida em que passaste a ter em mim um amigo feliz, em lugar de um amigo redondamente banal. Além disso, terás na minha noiva, que te manda afectuosas saudações e que, em breve, te escreverá pessoalmente, uma amiga sincera, o que, para um jovem celibatário, não está totalmente isento de significado. Sei que muita coisa te impede de nos fazeres uma visita. Mas não seria o meu casamento a ocasião certa para, uma vez que seja, afastar todos os obstáculos? Seja como for, age livremente, tendo em atenção apenas a tua vontade.”

Esta carta foi diferente de todas as outras. Normalmente limito-me a relatar a este meu amigo de juventude apenas acontecimentos insignificantes, tal como se amontoam desordenadamente na nossa memória, quando meditamos ao longo de um domingo tranquilo.

Aconteceu-me até por três vezes, anunciar-lhe o noivado de um homem sem importância com uma rapariga igualmente sem importância. Foi-me bastante

mais fácil fazê-lo do que confessar o meu próprio noivado, que já dura há um mês.

Tenho falado frequentemente com a minha noiva sobre este meu amigo e sobre a nossa peculiar troca de correspondência:

“Ele não virá então de modo algum ao nosso casamento e, no entanto, eu tenho direito a conhecer todos os teus amigos.”

“Não o quero incomodar, tenta entender-me, ele talvez viesse, pelo menos é o que eu creio, mas ele iria sentir-se obrigado, e até lesado. Talvez me invejasse e regressasse, de novo, só, certamente infeliz e incapaz de alguma vez ultrapassar essa infelicidade. Só – sabes o que isso significa?”

“Sim, mas não será que ele pode tomar conhecimento do nosso casamento de outra forma?”

“Não o posso impedir, mas isso é pouco provável, tendo em conta a sua maneira de viver.”

“Se tens amigos assim, não deverias nunca ser meu noivo.”

“Sim, a culpa é de nós os dois; mas também agora eu não desejaria que as coisas fossem de outro modo.”

Interrogo-me sobre as razões que levaram este meu amigo, insatisfeito com o rumo da sua carreira na nossa cidade natal, a refugiar-se na Rússia há alguns anos. Dirige, agora, um negócio em São Petersburgo, que, de início, prosperou muito bem, mas que, desde há muito, parece ter estagnado, pela forma como ele se queixa, aquando das suas visitas, cada vez mais espaçadas. A cor amarelada do rosto parecia ser já o sinal de uma doença em gestação. E assim se desgasta ele inutilmente a trabalhar em solo estranho. Segundo conta, não tem quaisquer relações nem com a comunidade local dos seus compatriotas, nem com as famílias da região, pelo que se prepara para um celibato definitivo. Que escrever a um homem assim, que manifestamente se enganou, de quem se pode ter pena, mas a quem não é possível ajudar? Será que o devia aconselhar a regressar a casa, a restabelecer as velhas relações de amizade e a confiar na ajuda dos amigos? Mas isso não significaria mais do que dizer-lhe que todas as suas tentativas até agora foram um fracasso, que ele devia desistir delas, regressar e deixar-se para sempre encarar por todos, com olhos

esbugalhados, como um retornado. Não passaria de uma velha criança que teria, pura e simplesmente, de seguir os amigos bem sucedidos que tinham ficado no país. E será que poderia ainda ter algum efeito todo o tormento que lhe iríamos causar? Talvez nem sequer fosse possível trazê-lo para casa – ele próprio diz não perceber já a situação vigente no seu país - e, assim, lá continuaria ele naquela sua terra alheia, irritado com os conselhos e ainda um pouco mais distante dos amigos. Seguisse ele realmente esses conselhos, e seria aqui vexado – não intencionalmente, claro, mas pelos factos -, sentindo-se deslocado quer com os seus amigos quer sem eles, dominado pela humilhação, e, aí sim, ele não teria mais nem pátria, nem amigos. Não é pois muito melhor para ele permanecer em solo estrangeiro, tal como está? Será pois legítimo pensar que ele teria aqui, realmente, possibilidades de ir para a frente?

Por tudo isto e para manter de pé a nossa relação, não tenho podido dar-lhe quaisquer notícias verdadeiras, como daria, sem receio, aos conhecidos mais afastados. O meu amigo há mais de três anos que não vem à terra natal e explica este facto, de forma desajeitada, pela insegurança da situação política na Rússia, a que não permite nem a mais pequena ausência de um pequeno comerciante. Centenas de milhares de russos andam, no entanto, às voltas pelo mundo despreocupadamente.

No decurso destes três anos, muita coisa se modificou no que me diz respeito. O meu amigo ainda veio a saber da morte da minha mãe, que aconteceu há cerca de dois anos, altura em que passei a partilhar a vida doméstica com o pai. Enviou-me então as suas condolências de uma forma seca, só explicável pelo facto de uma dor como esta ser impossível de imaginar numa terra estranha. Nesta carta tentou pela última vez convencer-me a emigrar para a Rússia, excedendo-se quanto às perspectivas que existiam em São Petersburgo na minha área de negócios. Os números são, contudo, insignificantes face à envergadura que o meu negócio tem assumido.

Desde a morte da minha mãe que acompanho com maior firmeza o negócio, bem como tudo o resto. Talvez que o pai, em vida da mãe, me tivesse impedido de ter uma actividade própria, ao querer fazer valer na firma apenas a sua opinião. Talvez que, após a morte da mãe, o pai se tenha tornado mais reservado, mesmo continuando sempre a trabalhar na firma, ou talvez, o que é

muito provável, que acasos felizes tenham tido um papel bem mais importante; em todo o caso, a verdade é que o negócio se desenvolveu de forma completamente inesperada nestes dois anos. Foi necessário aumentar o pessoal para o dobro, o volume de negócios quintuplicou, e estão iminentes, sem sombra de dúvidas, novos progressos.

No entanto o meu amigo não faz ideia alguma desta transformação. E eu não tenho qualquer vontade de lhe escrever sobre os meus sucessos comerciais; agora poderia parecer estranho e, além disso, prefiro deixar intacta a ideia que ele entretanto criou da nossa cidade natal.

“A verdade é que ainda me causa mágoa que o teu amigo não venha ao nosso casamento.”

Ao ouvi-la ofegante sob os meus beijos, dei por mim a pensar: eu sou assim e assim terá ele de me aceitar, não sou capaz de dar de mim a imagem de outra pessoa. E resolvi finalmente contar tudo ao meu amigo. *(dirige-se receoso ao quarto do pai)*

[No quarto do pai]

(O pai lê o jornal de roupão. O filho entra)

Pai: *(interrompe repentinamente a leitura do jornal)* Ah! *(prossegue a leitura)*

Filho: *(pensando)* O pai é ainda um gigante!
(para o pai) Isto aqui é insuportavelmente escuro.

Pai: Sim, lá isso é.

Filho: Também fechaste a janela?

Pai: Prefiro assim.

Filho: Mas está calor lá fora.

(distráido, seguindo os movimentos do pai) Queria apenas dizer-te que acabei de anunciar para São Petersburgo o meu noivado.

Pai: Para São Petersburgo?

Filho: Sim, ao meu amigo.

Pai: Pois...

Filho: *(pensando)* Na firma ele é completamente outro, a forma como ele aqui se senta à vontade e cruza os braços sobre o peito!

Pai: ...o teu amigo.

Filho: Tu bem sabes, pai, que eu quis, de início, manter silêncio sobre o meu noivado. Por consideração, e não por qualquer outra razão. Tu próprio sabes como ele é uma pessoa difícil. Mas dizia a mim próprio, que ele poderia vir a saber por outros meios – a isso eu não podia obstar - se bem que, na sua vida solitária, fosse pouco provável. De mim, pessoalmente, é que ele não deveria ficar a sabê-lo.

Pai: E agora vês as coisas de novo de outra forma?

Filho: Sim, agora reflecti de novo sobre isso. Se ele é o meu amigo dilecto, disse para comigo, então o meu feliz noivado é também para ele uma alegria. E, por isso, não hesitei mais em comunicar-lho. Contudo, antes de pôr a carta no correio, queria dizer-to.

Pai: *(interrompe a leitura e dobra o jornal)* Ouve de uma vez por todas!

Tu vieste ter comigo por causa deste assunto, para te aconselhares comigo. Isso só te dignifica, sem dúvida. Mas isso nada vale, isso é pior que nada, se não me contares agora mesmo toda a verdade. Não quero aqui tocar em coisas que não vêm a propósito. Desde a morte da tua querida mãe que têm acontecido certas coisas desagradáveis. Quiçá chegue também a hora de falar

delas, e quiçá chegue mais cedo do que pensamos. Na firma, escapam-me diversas coisas. É possível que ninguém as oculte de mim – não quero aqui, de maneira alguma, levantar a hipótese de que elas me são sonegadas – já não sou suficientemente forte, a minha memória vai enfraquecendo. Já não tenho olhos para tanta coisa. Isto é, em primeiro lugar, resultado da evolução da Natureza e, em segundo lugar, da morte da tua querida mãe que me atingiu muito mais a mim do que a ti. Mas porque estamos a tratar deste assunto, desta carta, peço-te, não me enganes. É uma ninharia, uma coisa sem qualquer importância, por isso, não me iludas. Tens mesmo esse amigo em São Petersburgo?

Filho: Deixemos os meus amigos em paz. Nem um milhão de amigos consegue substituir um pai. Sabes o que eu acho? Tu não cuidas de ti o suficiente. Mas a idade tem os seus direitos.

Pai: Qual idade?

Filho: Idade avançada!

Pai: Avançada?

Filho: Naturalmente avançada!

Na firma, és para mim indispensável, sabes muito bem; mas se a firma constituísse uma ameaça para a tua saúde, ainda amanhã a fechava para sempre. Isto não pode continuar assim. Temos de dar início a um outro tipo de vida para ti. Mas tem de ser uma mudança total. Estás aqui sentado no escuro, quando na sala de estar terias uma luz aprazível. Debicas o pequeno-almoço, em lugar de te fortaleceres devidamente. Estás sentado de janela fechada, quando o ar te faria tão bem. Não, pai! Vou trazer o médico e vamos seguir as suas prescrições. Vamos mudar de quartos; tu mudas-te para o quarto da frente e eu para aqui. Não constituirá para ti qualquer mudança; será tudo levado para lá.

Pai: Filho...

Filho: Mas tudo isso tem tempo, agora deixa-te estar um pouco mais deitado na cama. Decididamente, tu precisas de repouso. Anda, vou ajudar-te a despír; vais ver que consigo.

Pai: Filho.

Filho: Ou queres ir já para o quarto da frente? Nesse caso, deitas-te provisoriamente na minha cama. Isso seria, aliás, muito sensato.

Pai: *(interrompendo)* Filho! Tu não tens nenhum amigo em São Petersburgo. Tu sempre foste um brincalhão e nem diante de mim te contiveste. Como é que tu podias ter lá um amigo! Não posso, de modo algum, acreditar nisso.

Filho: *(começando a despír o pai)* Pensa lá mais uma vez, pai,

(pensando) Como ele está agora aqui tão fraco.

(para o pai) faz agora quase três anos que o meu amigo nos veio visitar. Ainda me recordo que tu não simpatizavas lá muito com ele. Por duas vezes, pelo menos, que, perante ti, neguei a sua presença, quando ele estava sentado precisamente no meu quarto. Sim, eu até compreendia a tua antipatia por ele. O meu amigo tem lá as suas singularidades! *(o pai recupera a roupa)* Mas depois também chegaste a conversar com ele perfeitamente. Na altura, senti-me muito orgulhoso por o escutares, por acenares com a cabeça e fazeres perguntas. Se pensares bem, com certeza que te recordas. Ele contava, nesse tempo, histórias incríveis sobre a Rússia. Como ele, por exemplo, numa viagem de negócios, viu, durante um tumulto, um padre numa varanda, que talhara na palma da mão uma grande cruz de sangue, erguer a mão e apelar à multidão. Tu próprio repetias, de tempos a tempos, esta história:

(imitando o pai) Durante um tumulto, um padre numa varanda, que talhara na palma da mão uma grande cruz de sangue, erguer a mão e apelar à multidão.

(pensando) Tenho descurado o meu pai e é minha obrigação velar por ele. Até pela mudança da sua roupa interior. Concordei tacitamente com a minha noiva que o pai ficaria aqui sozinho depois do casamento. Mas não pode ser! Vai viver connosco.

Pai: Provavelmente era inventada.

Filho: E então? Já te lembras dele?

Pai: *(enfiando-se na cama)* Estou bem coberto agora?

Filho: *(cobrindo o pai)* Afinal já gostas de estar na cama.

Pai: *(dando especial atenção à resposta)* Estou bem coberto?

Filho: *(continuando a cobrir o pai)* Acalma-te, estás bem coberto.

Pai: *(libertando-se)* Não!

(O pai levanta-se. O filho refugia-se a um canto; começa a escorrer água pelo seu corpo.)

O que tu querias era amortilhar-me. Isso sei eu, meu patife, só que eu ainda não estou morto. E nem que este seja o meu último esforço, ele é suficiente para ti, demais, até! Claro que conheço o teu amigo. Para o meu coração, era um filho. Por isso tu lhe mentiste ao longo de todos estes anos. Porquê? Julgas que não chorei por ele? Por isso tu te fechas no teu escritório. Ninguém pode incomodar, o chefe está ocupado. Tudo para poderes escrever as tuas falsas cartas para a Rússia. Mas, felizmente, ninguém tem de ensinar um pai a conhecer o filho. Tu julgaste agora, que o tinhas dominado, tão dominado que até podes sentar o teu traseiro em cima dele sem que ele sequer se mova. Foi aí que o senhor meu filho tomou a decisão de se casar!

Filho: *(pensando)* Por que teve ele de partir para tão longe?

Pai: Olha para mim!

Filho: *(avançando para o pai)* Sim, pai. *(pára a meio do caminho e recua)*

Pai: Porque ela levantou as saias... porque ela levantou as saias assim, a torpe da imbecil... *(levantando a roupa interior)* porque ela levantou as saias assim, assim e assim, chegaste-te a ela e para com ela te poderes satisfazer à vontade desonraste a memória da tua mãe, traíste o amigo e meteste o teu pai na cama, para que não se possa mexer. Mas pode ele mexer-se ou não?
(grita) Mas o amigo agora já não é traído! Eu fui o seu representante cá.

Filho: *(grita)* Comediante!

Pai: Comédia? Boa palavra! Sim, decerto que representei comédia!
Que outro consolo resta ao velho pai viúvo? Diz - rápido! Sê ainda o meu filho vivo e dedicado:
Como é que te chamas?

Filho: Eu chamo-me ...

Pai: *(interrompendo)* Como é que eu me chamo?

Filho: O pai chama-se ...

Pai: *(interrompendo)* Como é que se chama o teu amigo?

Filho: O meu amigo chama-se ...

Pai: *(interrompendo)* Como é que se chama a empregada?

Filho: A empregada chama-se ...

Pai: *(interrompendo)* Que idade tens?

Filho: Eu tenho ...

Pai: *(interrompendo)* Que idade tem o teu amigo?

Filho: O meu amigo ...

Pai: *(interrompendo)* Canta!

Filho: *(confuso)* Canta? Canta...

Pai: Tu não sabes nada!

(continua a escorrer água do corpo do filho)

Pai: Que mais me restava no quarto das traseiras, perseguido pelo pessoal desleal, velho até aos ossos? E o meu filho lá ia, expedito e contente, mundo fora, fechando negócios, que eu tinha preparado, estonteado de júbilo e apresentava-se, por isso, perante o seu pai com o rosto fechado de um homem de bem! Crês que não te teria amado, eu, de quem tu és fruto?

Filho: *(pensando)* Agora ele vai inclinar-se para a frente. Se ele caísse e se desfizesse!

Pai: Fica aí onde estás. Não preciso de ti! Tu pensas ainda ter força para vir aqui, mas optas por te deteres, porque tu assim o queres. Esperemos que não te enganes! Eu sou ainda o mais forte. Sozinho talvez tivesse de recuar, mas a mãe legou-me a sua força, liguei-me ao teu amigo de forma admirável. As tuas notícias tenho-as eu aqui no bolso! *(mostra as cartas)*

Filho: *(para si mesmo)* Até na camisa tem bolsos!

Pai: Agarra-te à tua noiva e vem ter comigo! Eu varro-a de ao pé de ti, nem sabes tu como!

Mas quanto me divertiste tu hoje, quando chegaste e me perguntaste se devias escrever ao teu amigo relativamente ao noivado. Mas ele já sabe de tudo, seu imbecil. Sabe de tudo! É que eu escrevi-lhe, pois esqueceste-te de levar daqui para fora o papel e as canetas. Por isso é que ele não vem cá há anos, pois sabe de tudo cem vezes melhor do que tu. Enquanto, na mão esquerda,

amarrota as tuas cartas, sem as ler, na direita, segura à sua frente as minhas cartas para as ler!

(muito agitado) Ele sabe tudo mil vezes melhor do que tu!

Filho: Duas mil vezes!

Pai: Três mil vezes!

Filho: Quatro mil vezes!

Pai: Cinco mil vezes!

Filho: Dez mil vezes!

Pai: Há anos que aguardava que me viesses com essa pergunta! Será que acreditas que me preocupo com outras coisas? Será que achas que leio jornais? Sim! *(atira ao filho o jornal)*

Mas quanto tempo hesitaste tu, até ficares maduro! A mãe teve de morrer, não podendo assistir ao grande dia, o teu amigo definha na sua Rússia - há três anos atrás já ele estava macilento, bom para deitar fora - e quanto a mim, tu próprio podes ver em que pé estão as coisas. Para isso ainda tens olhos!

Filho: *(percebendo que o jornal é muito antigo)* Quer dizer que me andaste a espiar!

Pai: *(compassivo)* Isso querias tu, com certeza, ter dito há mais tempo. Agora já não tem qualquer cabimento.

(escorre ainda mais água do corpo do filho)

Pai: *(erguendo a voz)* Até hoje só sabias de ti. Mas agora ficaste a saber o que é que existia para além de ti. É evidente que foste uma criança inocente, mas é ainda mais evidente que foste um homem diabólico. E, por isso, toma nota: condeno-te, neste preciso momento, a uma morte por afogamento! *(cai, morto)*

Filho: *(em voz baixa)* Queridos pais, mas eu sempre vos amei!
(afoga-se de forma primorosa)